

QUANDO O AUSENTE SE FAZ PRESENTE: USO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO RECURSO PARA O ACESSO À MEMÓRIA

Waldson de Sousa Costa

INTRODUÇÃO

Muitas são as possibilidades para desenvolver pesquisas científicas com imagens. No âmbito da antropologia, há quem utilize o recurso visual (fotografias, vídeos, desenhos, pinturas ou ilustrações) como meio descritivo, narrativo e até mesmo dissertativo – quando a imagem é por si só o próprio dado etnográfico. Sem a pretensão de conceituar a expressão “antropologia visual” ou categorizar os desdobramentos desta como método científico; o presente capítulo tem a finalidade de apresentar um relato de campo no qual as imagens fotográficas são utilizadas como recursos de acesso à memória individual e coletiva; ou seja, em que “a fotografia se propõe como apontamento da memória, e não como memória” (Martins, 2018, p. 43), estabelecendo processos de conexões de dados etnográficos entre

os quais fragmentos de elementos do passado, ausentes no espaço físico do presente, (re)surgem “se fazendo presente” a partir de narrativas estimuladas por fotografias.

Quando, em 2016, imergi com uma máquina fotográfica nos “Morros Vivos” de Pixaim – povoado instalado sobre as imensas dunas de areias que se movem a todo momento pela ação dos ventos dentro da Área de Preservação Ambiental (APA), no trecho do Delta do Rio São Francisco, no município de Piaçabuçu, no estado de Alagoas –, eu pouco sabia sobre o que faria com as imagens captadas na comunidade ribeirinha. Embora dominasse técnicas fotográficas e conceitos básicos da antropologia visual, aquela era a minha primeira experiência de campo etnográfico. Meu primeiro exercício prático de pesquisador-antropólogo em formação, tendo a câmera mais como companhia e instrumento de observação do que recurso metodológico.

Assim, segui por meses fotografando os espaços físicos: os morros, as casas, as cacimbas, a vegetação e os fluxos do rio e das areias. Registrei imagens também das pessoas, dos animais silvestres e domésticos, e, de algumas práticas cotidianas da comunidade – a exemplo da lida com os animais, das aberturas e manutenção das cacimbas cavadas nas areias, dos afazeres domésticos e do campo. Tinha a certeza de que ao menos teria, nesse conjunto de imagens, uma narrativa visual que poderia ilustrar ou descrever o campo de pesquisa para quem lá nunca esteve, e, assim, facilitar a compreensão da pesquisa etnográfica.

Porém, o que eu não esperava era que as fotografias fariam conexões diretas com as memórias dos meus interlocutores de campo. Com tal intensidade que trazia a materialização no espaço físico do presente, elementos do passado de forma tão concreta que poderiam ser experienciados e mentalmente visualizados por quem nunca anteriormente esteve lá, a exemplo do próprio pesquisador, a ponto de serem tocados visualmente por todos aqueles (interlocutores) que vivenciaram o passado e as alterações do ambiente. Em um processo semelhante ao que é evidenciado por Martins (2018, p. 28), em *Sociologia da fotografia e da imagem*, ao afirmar que a fotografia diz menos que o acontecido, chamando nossa atenção para multiplicidade de possibilidades ao trabalhar com imagens, ao tempo que nos convida a observar outras formas de utilizá-las nos trabalhos científicos:

As análises, de várias correntes da Sociologia, têm como material não a realidade, *strictu sensu*, mas a interpretação da realidade pelo homem simples, a interpretação que torna sua vida possível e inteligível. Quando as pessoas dão uma entrevista ou depoimento a um pesquisador, sociólogo, antropólogo, historiador ou psicólogo, relatam fatos, interpretando-os. O que os cientistas analisam e interpretam é a interpretação que esse homem comum faz dos processos interativos que vive, no confronto com as referências estruturais e mesmo históricas que revelam e iluminam o que é propriamente e objetivamente social e, no mais das vezes, não está ao alcance de sua compreensão. A interferência interpretativa do pesquisador se dá no desvendamento das conexões entre o visível e o invisível, entre o que chega à consciência e o que se oculta na alienação da própria vida social (Martins, 2018, p. 13).

É a partir desta concepção – das possibilidades de interpretações entre imagem e memória – e das conexões entre visível e invisível – como também da relação entre passado, presente e futuro – que fazemos o exercício a seguir para mostrar que os métodos da antropologia visual bem instrumentalizados são excelentes recursos para construir, embasar e consolidar trabalhos científicos.

CAMPO, AS IMAGENS E AS MEMÓRIAS

É sabido que a vida é dinâmica e que os espaços físicos são fluídos e experimentam frequentes mudanças. Seja a partir das intervenções humanas ou por causa das próprias implicações geográficas, climáticas, geológicas, entre outras. Porém, há lugares que essas dinâmicas da vida são mais perceptíveis. Um destes lugares é o povoado Pixaim, que localizado dentro da APA de Piaçabuçu, no extremo sul do estado de Alagoas, compartilha o espaço com o rico e complexo ecossistema do Delta do Rio São Francisco. Assim, a comunidade que está situada sobre imensas dunas de areias que se movem a todo momento com a ação dos ventos tem, ao sul, o Rio São Francisco; ao leste, o Oceano Atlântico; ao norte, um imenso areal e, ao oeste, um tabuleiro de xadrez onde a vegetação tropical divide espaço com sítios de coqueirais, fazendas de manejos de animais e as estradas de terra

que ligam a área rural à rodovia AL-101 Sul, rodovia que conecta a capital Maceió à cidade de Piaçabuçu.

O território do povoado Pixaim é bastante peculiar, assim como os diversos fenômenos naturais que agem sobre aquele. Exigindo de quem o habita outras formas de atenção, compreensão e cuidados na lida da vida. Os moradores de Pixaim, o “povo das dunas”, como são denominados, são considerados nômades, porque costumam movimentar suas moradias dentro do mesmo território. Isto é! As famílias que lá coabitam com o ambiente costumam – por necessidade de adaptação –, de tempos em tempos, migrar de um espaço para o outro em uma constante negociação com os agentes da natureza – as areias, as dunas, os ventos e as águas. Nessa dinâmica, é comum que as casas de taipas permaneçam apenas alguns anos em um determinado ponto; podendo, tempo depois, serem reconstruídas em outros espaços porque a moradia antiga foi “tomada pelas areias”, em um fenômeno cíclico de mudanças intensas e constantes.

Foi neste ambiente de transformações rápidas e transitórias que adentrei para investigar a relação entre humanos e não humanos. Nesse processo, com o auxílio dos moradores do Pixaim, circulei no território, aguicei a percepção e fui acompanhando as modificações do espaço físico ao longo de dois anos. Muitas das alterações podiam ser visualizadas e até mesmo mensuradas em poucos dias ou semanas. A exemplo das dunas que aumentavam de tamanho, se aproximava ou se afastava das casas, e que, por isso, ganharam na conotação dos moradores características dos seres vivos porque, como eles relatam, estas “caminham”, “nascem”, “crescem” e “morrem” dentro do território. Tudo dentro de uma lógica “natural” comentada, contextualizada e explicada pelos moradores.

Pixaim é, em sua essência, um território de transitoriedade constante. Assim como são todos os espaços do mundo; mas lá, as mudanças e dinâmicas são de fatos mais perceptíveis. Dessa forma, passei a fotografar suas paisagens e os espaços da comunidade com o objetivo de registrar essas alterações ambientais que refletem de forma diversa e diária o campo geográfico e social. Dia a dia, semana a semana, mês a mês registrava uma série de fotografias e, ao circular pelas casas da comunidade, levava as imagens impressas no intuito de abrir ou ampliar o diálogo com os moradores. A estratégia não só deu certo; foi muito mais além do que eu (pesquisador

de primeira viagem) poderia esperar ao adotar de vez as metodologias e as técnicas da antropologia visual.

Para contextualizar este exercício de Imagem e Memória, e expor como o ausente se faz presente, é necessário compreender que, ao trabalhar com a categoria “Memória”, fazemos uso dos conceitos de Memória Individual e Coletiva, de Halbwachs (2013), que expõem que cada indivíduo dentro de uma sociedade constrói a partir de suas posições, relações e interpretações de memórias individuais; que passam a ganhar sentido no âmbito coletivo ao serem referendados pelo grupo diante de interpretações comuns. Processo que é análogo a relação memória-espaco diante da ideia que os objetos expostos no ambiente revelam sentidos e significados que foram estabelecidos pelo grupo social:

Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele (Halbwachs, 2013, p. 163).

Dessa forma, é possível entender que ao tempo que os grupos sociais moldam e adaptam os espaços, eles constroem relações diretas com “coisas” do ambiente, gerando conexões que vão além do que é tátil ou concreto. Nessas conexões, estão, além de tudo, processos sensíveis e até mesmo invisíveis – muitos deles descontínuos –, porém, potentes o suficiente para serem percebidos pelos indivíduos e compartilhados pelo coletivo.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (Bosi, 2023, p. 31).

É aqui que está uma das chaves da nossa análise: a capacidade sensorial – individual e coletiva – das memórias resgatadas a partir da observação de fotografias. Mas isto, diante da concepção a qual compreendemos que o passado-presente-futuro estão conectados e que as coisas que são lembradas fazem sentido de forma atemporal; ou seja, serve para ontem, para o agora (hoje) e para o amanhã.

Para este exercício analítico-etnográfico, apresentamos três fotografias que vão ajudar a conduzir o diálogo de imagem-memória na relação ausente e presente. Na metodologia utilizada, vamos conduzir o exercício apresentando primeiro a imagem; em seguida, uma breve *descrição-narrativa* da fotografia – que compreende a leitura estética e visual (descontextualizada); e, talvez, o que a maior parte das pessoas que não têm relação com território vão conseguir visualizar.

Para, enfim, apresentarmos a *descrição-interpretativa* – que corresponde ao olhar dos interlocutores (moradores de Pixaim) diante da percepção das experiências e memórias na observação das fotografias. Aqui, em sua maior parte, a descrição é feita a partir de recortes de relatos que foram transcritos dos diálogos na comunidade. Por isso, vale ressaltar que uma só imagem pode conter mais de uma interpretação; no entanto, é neste ponto descritivo que poderemos observar que todas as narrativas feitas pelos interlocutores – mesmo diante das diferenças de abordagem – dialogam e apresentam conexões entre si.

Figura 1 – Mulheres de Areia



Fonte: produzida pelo autor.

Descrição-narrativa:

Em um plano aberto, a fotografia é composta por uma imagem que divide o espaço em três áreas: o ponto focal está no centro, com a presença de três jovens caminhando sobre dunas e, um pouco acima, uma pequena vegetação com coqueiros que sobressaem; abaixo, areias texturalizadas em tons claros e mais escuros; acima, o azul do céu claro. Para os observadores mais atentos, é possível perceber que os corpos humanos e não humanos (areias e o ventos) estão entrecortados e se misturam compondo fluxos de movimento, demonstrando assim uma específica dinâmica física-social do espaço geográfico onde tudo se move em sintonia. A imagem atende aos padrões estéticos da fotografia e como toda concepção visual pode ser visualizada e interpretada por cada observador a sua maneira.

Descrição-interpretativa:

Essa areia toda aqui vem do mar. [Aponta] As areias vêm de lá de Pão de Açúcar. Lá do sertão mesmo! Aí veja só como é: ela [as areias] vem de lá bolando, bolando, bolando dentro do rio com a água trazendo. Daí vem bater aqui dentro do mar. Aí quando chega na boca da barra, o mar bota pra fora, pra terra. Da terra elas espalham tudo com o vento, espalham 'tudinhas'. [aponta para as areias que se movimentam com o vento]. [...] Repare ela caminhar. Ela vem caminhando! Olhe, ela é assim! É viva! Olhe os cacurutos eles é que andam viu [risos]. Com o vento, a areia vem caminhando aí chega aqui num lugar e suspende pra cima, formando o morro. Noutro lugar ele baixa, matando o morro até ele morrer. Embaixo desses morros que crescem tem é um monte de casas. Já morou alguém ali que hoje já não mora mais porque a areia incomodou. Daí quando ela ofende o jeito é achar outro lugar para vive. Duna é um caso medonho, é fogo [risos] (Morador 1 – 4 nov. 2016).

Quanta areia. É muita areia, né. Êita, lugar pra ter areia. Essa areia toda vem do mar. É o mar que joga ela pra fora e o vento traz e junta tudo aqui. [...] A gente não sabe bem como é né. Mas diz o povo mais antigo e a gente acredita porque acaba vendo que é assim mesmo: o mar joga a areia pra fora, daí o vento traz, junta aqui, mas elas continuam andando e vão até o rio. Do rio elas descem de novo para o mar, que volta a jogar pra fora e continua tudo novamente. Pra sempre! Por isso os morros nunca acabam e Pixaim nunca deixará de ter areia. Pelo menos é isso que velhos contam, né? (Moradora 2 – 12 nov. 2016).

Figura 2 – Meninos e Cacorutos



Fonte: produzida pelo autor.

Descrição-narrativa:

Na fotografia de plano aberto, é possível observar pequenos montes de areias com vegetação rasteira que dividem a atenção com dois meninos que caminham em direção ao horizonte. É possível que os observadores mais atentos visualizem ainda as pegadas nas areias que marcam o trajeto da caminhada; como também percebam as pequenas ondulações nas areias que são formadas pelo vento. A fotografia mantém um padrão estético com cores pasteurizadas onde se destaca a amplitude do espaço gerando a impressão de continuidade permanente do território coberto pelas areias.

Descrição-interpretativa:

Este é um lugar de Morros Vivos. Morro é o que vocês de fora chamam de dunas. Pra gente é morro! Pra vocês, dunas! Mas tudo é feito da mesma coisa: areia. Eles estão vivos porque nascem, crescem e morrem conforme a direção do vento. Tá vendo aquele morro lá. (Aponta) Tá morrendo. Ele vai morrer ali, para nascer aqui. Hoje você chegou aqui tá assim. Amanhã quando voltar muita coisa vai tá diferente porque a areia se move a todo momento nesse lugar. Por isso é preciso saber viver aqui. [...]

Tá vendo esses morros pequenos onde os meninos estão correndo? Vocês chamam de quê? Aqui a gente chama de 'cacorutos'. Eles são feitos pelo vento também e mudam dia a dia. É bonito, né? (Morador 3 - 7 maio 2016).

Pixaim não era o que é hoje. Quando a água era doce, havia plantio de arroz e muita gente aqui. O povoado era vivo e bem mais para lá, perto do mar e da foz. Naquela época todo mundo vivia do arroz. Com o fim do arroz muita gente, os mais jovens, foram embora em busca de trabalho em outros lugares e por lá ficaram. Daí, só ficou aqui os velhos. E uns que iam e vinham. No passado pra onde você olhasse era casa. Tinha até bar e mercearia (Morador 4 - 14 abr. 2017).

Figura 3 – Horizonte de areia



Fonte: produzida pelo autor.

Descrição-narrativa:

Em plano aberto, a fotografia mostra uma das moradias da comunidade Pixaim. Na imagem, em tons pasteurizados, o pequeno casebre construído em taipa divide espaço com um dos morros de areia coberto por vegetação

rasteira. No primeiro plano, o “mar” de areia contrasta com o céu azulado marcado por nuvens. O lado esquerdo é composto pelo vazio formando uma linha no horizonte que conduz o olhar até o lado direito, onde estão concentrados os elementos de maior interação da imagem.

Descrição-interpretativa:

Olha, como tá! Só areia. Aqui tudo era casa. Casas de parentes da gente que foram morar na cidade. Aqui onde só tem areia tinha um arruado, ali outro; e mais casa e cacimbas por aqui. E olha como esse morro tá perto. Você já foi ver a casa do baiano? Pois, ele vai ter que deixar a casa porque a areia já tomou a cozinha (Moradora 2 - 12 nov. 2016).

Quando a pessoa se muda de uma casa para a outra leva tudo. Vai deixar pra quê? Pra areia aterrar? Tem que levar tudo porque tudo tem serventia. Da casa velha só fica o chão. Daí depois a areia cobre e desaparece tudo (Morador 4 - 7 maio 2017).

A vida aqui é assim. Tem que respeitar a natureza. Saber viver com ela. Se a pessoa for brigar com ela, só vai sofrer. Porque de manhã a natureza tá de um jeito, a tarde de outro e a noite de outro. É ela quem decide como as coisas vão ser. Daí, quem é que vai brigar com ela? Quem briga com a natureza perde porque ela sempre ganha (Morador 5 - 16 set. 2017).

Aqui não tem mais jeito. O morro já tá em cima e agora a casa é dele. É uma questão de tempo para a areia tomar. Já escolhi um outro chão. Lá perto da casa do meu pai. O meu pai é o Aladin. Aí a casa vai ficar entre a dele e a da minha irmã Edileuza. Naquela parte ali [aponta] (Morador 6 - 26 jun. 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar como verdade a compreensão de que as imagens etnográficas são por si dados científicos; e de que, a partir de abordagem metodológica adequada, elas podem também ser usadas como instrumentos para abertura e ampliação de diálogo; a exemplo do exposto no exercício-analítico anterior, é importante destacar que as imagens necessitam de mediações, de aportes e contextos para serem entendidas. Foi com essa concepção

que as fotografias analisadas no presente texto potencializaram as subjetividades dos interlocutores, os quais a partir das imagens evocaram as memórias partilhadas no campo social e nos espaços físicos.

Essas percepções estão visíveis no debate da Figura 1, quando uma imagem de jovens caminhando nas areias evocaram, nos moradores da comunidade, discussões sobre as dinâmicas geográficas do ambiente. Muito além do que está visualmente “posto” na imagem, foram discutidos processos da permanência das areias e dos morros no território, como também veio à tona narrativas sobre processos de vida dos inúmeros seres inanimados, a exemplo das areias e dos morros que, no imaginário dos interlocutores, são dotados de características de seres vivos – como o nascer, viver e morrer; ou o andar e tomar (apossar). Pois, embora o foco central da fotografia esteja nas três jovens entrecortadas pelas dunas e ventos; ao observar as imagens, os moradores de Pixaim alcançaram outros pontos de subjetividades aos quais contextualizaram diante dos conhecimentos que têm do espaço e da memória individual e coletiva que dialogam e se tocam em diversas narrativas.

Quanto à Figura 2, a discussão sobre as características dos “Morros Vivos” volta à tona contextualizado na compreensão dos moradores. Porém, outros debates são introduzidos a partir da observação da imagem: o do êxodo rural, fenômeno social que se encontra relacionado com a salinização das águas do Rio São Francisco; e a decadência da cultura do arroz, que tem relação com os impactos ambientais – mostrando que muitos dos processos sociais e ecológicos estão conectados. Nessa discussão, ao observar a imagem dos meninos sobre o vasto campo aberto, os moradores visualizam as casas do antigo povoado e as dinâmicas que havia no lugar, ao evidenciar a presença de um comércio local e os problemas enfrentados pelas gerações mais novas – a exemplo de falta de trabalho e perspectivas para permanecer no povoado. Todas essas questões são costuradas em diversas outras narrativas ao longo dos diálogos com outras imagens, sendo pontuadas como memória individual, e, em muitos casos, referendadas pela memória coletiva não só dos mais velhos; mas, também, dos adultos, jovens e crianças que interagem com o lugar. E isso ocorre quase sempre em uma linha narrativa não linear onde o presente, passado e futuro se cruzam.

Na Figura 3, o processo imagem-memória se acentua diante do debate do habitar sobre as dunas. A partir da fotografia na qual uma das moradias divide espaço com um pequeno morro, os moradores ampliaram a discussão trazendo narrativas sobre o respeito e a negociação de espaço com os agentes naturais; assim como com as questões de formatação familiar, divisão e ocupação de território. Em diversas narrativas, o antigo povoado habitado por centenas de famílias tomou forma no imaginário individual e coletivo de forma tão concreta que cercas, plantas, casas e cacimbas podiam até ser tocadas no espaço vazio onde só é possível visualizar areia.

Portanto, como demonstrado neste exercício de antropologia visual, podemos evidenciar que a pesquisa com imagens, além de ser um excelente instrumento para partilha de experiências e ampliação de diálogo com interlocutores, é, em si, um importante método de alcance de eficácia simbólica na construção e contextualização de memórias individuais e coletiva. Os homens sempre usaram as imagens para dar forma aos seus conceitos de realidade (Collier Junior, 1973, p. 4). E, por isso, as fotografias são capazes de ativar a memória, permitindo que os interlocutores (re) vivam momentos e situações que os marcaram ou que consideram importantes dentro de uma lógica que se reflete no campo social do presente, com ligação do passado e projeção para o futuro.

As nossas imagens interiores nem sempre são de natureza individual, mas, mesmo se forem de origem coletiva, são de tal modo interiorizadas por nós que as temos por genuínas imagens nossas. As imagens coletivas significam, pois, que, ainda que percebamos o mundo como indivíduos, fazemo-lo de modo coletivo e com um olhar historicamente determinado (Belting, 2014, p. 33).

Assim, é possível observar que o método antropológico visual é eficaz não por conta da materialização da fotografia em si; mas, sim, por conta da capacidade fluída da imagem, que permite presença na ausência; não se prendendo a um só tempo ou interpretação. Dinâmica, a imagem é instrumento científico, porque sua validade está na subjetividade que permite, no âmbito da experiência e memória, valores e significados distintos dentro de um mesmo grupo social.

REFERÊNCIAS

BELTING, Hans. *Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem*. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Atêlie, 2023.

COLLIER JUNIOR, John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973. (Coleção antropologia e sociologia).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da imagem: uma introdução à análise do fotográfico*. São Paulo: Contexto, 2018.